

## A CONSTRUÇÃO DE DURAÇÃO NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Maria Angélica Gonçalves<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente estudo aborda as construções nominalizadas que se apresentam sob a forma *dar uma X+da (SP)* cuja ocorrência é bastante comum na conversação espontânea do Português do Brasil - por exemplo - *Ela deu uma andada na praia*. A teoria da Linguística Sociocognitiva nos forneceu o suporte necessário para apresentar os elos de sua relação motivacional na rede de construções em que se inscreve. Propomos, portanto, que a construção nominalizada, alvo de nosso estudo, seja *motivada*, por sua inserção na grande rede das construções com o verbo *dar* realizada por meio de conexões intermediárias pela construção básica de Transferência de Posse. O fenômeno estudado caracteriza-se por uma específica construção que se especializou na expressão de uma *nuança de significação aspectual*, isto é, denota duração.

**Palavras-chave:** Construção nominalizada. Verbo dar. Linguística sociocognitiva

**Abstract:** This dissertation approaches nominalized constructions that have the following form *dar uma X-da(SP)* which commonly occurs is very common in spontaneous speech in the Portuguese language of Brazil, *Ela deu uma andada na praia*. The theory of sociocognitive linguistics provided the necessary background to analyze the links of their motivational relation taking into account the network of constructions in which this form is inserted. This study suggests that the nominalized construction, which is the aim of this thesis, is motivated by its insertion into the great network of constructions with the verb *dar* and it is realized by means of intermediary connections that are provided by the basic construction of the *Transfer Possession*. The subject is characterized by a specific construction that turned into an expression of duration.

**Key-words:** Constructions nominalized, Give verb, Sociocognitive linguistics

### 1. Introdução

O presente estudo analisa formações do Português do Brasil expressas pela seqüência *dar uma X+da (SP)*, que se manifesta com regularidade semântica em condições altamente produtivas. Trata-se de enunciações do tipo:

(1) (a) *dar uma caminhada* (ações do sujeito sobre si mesmo);

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras/Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Professora da Escola Municipal Gabriel Gonçalves da Silva, Juiz de Fora, MG.

- (b) *dar uma martelada na parede* (ações/experiências do sujeito sobre o mundo);
- (c) *dar uma chovidinha* (fenômenos do mundo).

Tais enunciações expressam, como se verá, uma acepção aspectual de Duração. O Evento, introduzido como Objeto de predicação com *dar*, é concebido como tendo uma manifestação atenuada – seja pelo abreviamento da Duração, seja pela sua singularização (quando se trata de Eventos inerentemente seriais). Daí a freqüente co-ocorrência da Nominalização com o sufixo diminutivo.

A *idiomatização* é considerada tanto do ponto de vista de sua expressão morfossintática como de sua contribuição semântica, é considerada *sob a ótica do sociocognitivismo*, tentando desvendar a motivação conceptual que engendra este significante particular. Postula-se uma complexa *mesclagem de múltiplo escopo*, através da qual obtém-se a migração de Esquemas Genéricos pertinentes ao Cenário originário de Transferência de Posse (Causa e Movimento) que se comprimem com a Cena Conceptual evocada pela Predicação principal.

A abordagem sociocognitiva adotada por este estudo insere a linguagem numa nova perspectiva em que o falante passa da exclusão à centralidade no processo de construção do significado. *A linguagem deixa de ser um sistema que independe do falante ou um conjunto de regras finitas e ganha uma dimensão social e cognitiva cuja função é possibilitar seus usuários meios para reportar o discurso alheio, influenciar as outras pessoas, narrar acontecimentos, fazer avaliações, ser impreciso, falsear informações, predizer o futuro, expressar sentimentos* (SALOMÃO, 1999:65).

## 2. A abordagem sociocognitiva

A mudança na agenda investigativa trata o fenômeno da linguagem como uma **operação de conceptualização socialmente localizada** através da atuação de um sujeito cognitivo, **em situação comunicativa real**, que produz significado como **construções mentais**, a serem sancionadas no fluxo interativo (SALOMÃO, 1999:64).

A hipótese sociocognitiva apresenta a forma lingüística apenas como um guia, que, aliada ao contexto de uso, possibilita aos participantes da cena comunicativa inferir significado, avaliar as informações salientes e desconsiderar as pistas irrelevantes.

FAUCONNIER & TURNER (2002:17) comparam o significante à *ponta de um iceberg*. Assim, com essa analogia, reconhecem que o significante traz latentes amplas possibilidades interpretativas, a serem escolhidas de acordo com as pistas contextuais.

Para ilustrar a escassez da forma lingüística recorre-se ao processo de **Modificação Adjetival**. No enunciado “*homem forte*”, proferido numa academia de musculação, o adjetivo *forte* pode dar a noção de porte físico musculoso; no entanto, se usado para referir um executivo de sucesso, pode significar acumulação de poder e autoridade no mencionado indivíduo.

Os significados, portanto, não são entidades mentais pré-existentes, que residem em uma área específica da mente; defini-los envolve operações de ligação, conexão e integração de domínios conceptuais diferentes. Ao sinal lingüístico cabe acessar parte das bases de conhecimento necessárias para produção e interpretação do significado.

A noção de *enquadramento*, que vimos considerando, tem como contrapartida cognitiva, a *base de conhecimento* sobre a qual se impõe uma determinada mobilização atencional. Estas *bases*, indiscutíveis estruturações da memória (sobre as quais há ainda muito que pesquisar) podem, não obstante, ser categorizadas para o propósito de nossa exposição.

A literatura em Lingüística Sociocognitiva reconhece, em geral, três tipos de domínios estáveis do conhecimento que são relevantes à expressão lingüística - *Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs)*, *Molduras Comunicativas* e *Esquemas Genéricos*. Caracterizam-se por uma certa estabilidade, por possuírem informações organizadas que podem ser identificáveis e evocáveis, constituindo estruturas flexíveis que podem adequar-se à situação contextual (SALOMÃO, 1999:30).

*Modelos Cognitivos Idealizados* (LAKOFF, 1987:68/69) organizam nosso conhecimento cultural: assentam em nossa experiência social e cultural, que nos possibilita formar hábitos e comportamentos na vida diária. São MCIs que nos

sugerem o comportamento adequado para cada situação; num velório, não levamos um presente para a pessoa que perdeu um ente querido; num aniversário, não podemos cumprimentar o aniversariante dizendo que lamentamos que ele tenha vivido mais um ano... Além de oferecer *scripts* para nossa sociabilidade, MCIs, na qualidade de *modelos culturais*, consignam nossas crenças, nosso senso-comum, nossa ideologia e, nesta condição, constituem a cartografia de nossas opções na sociedade.

Na medida em que são motivadas por MCIs, as categorias lingüísticas não se diferenciam das outras categorias do nosso sistema conceitual, e, por isso, exibem os efeitos de prototipia e de organização de nível básico. Por esta razão, a categorização humana funciona com base no *esquema centro/periferia*, a partir de uma instância básica que modele relações de correspondência com os demais membros da mesma categoria.

Para ilustrar, LAKOFF utiliza-se do conceito de *mãe*, que apresenta um sentido central, mulher que dá à luz, fornecedora de metade da carga genética, responsável pelo cuidado e educação da criança, casada com o pai. Essas definições conjugadas definem de forma estável o que seja a mãe prototípica.

Um tipo especializado de MCI, proposto originariamente por GOFFMAN, e estudado com abundância de detalhes por TANNEN e SCHIFFRIN, entre outros, são as chamadas *molduras comunicativas* – conceito que desfruta de uma função analítica central na tese de Miranda 2000. Trata-se da configuração que organiza qualquer *encontro conversacional*: a definição dos papéis dos participantes, seu grau de simetria social, o cenário físico de sua distribuição no evento, sua agenda comunicativa. Alguns encontros terão uma estrutura rígida, que não permite muita variação nem dos papéis, nem de agenda previamente estabelecida. Num debate político, por exemplo, temos uma estrutura definida em que o mediador opera segundo regras previamente negociadas como o tempo de cada intervenção, quem fará as perguntas, quais assuntos são considerados ofensivos. Normas como essas são seguidas estritamente pelos candidatos para o sucesso comunicativo do evento.

Já os *Esquemas Genéricos*, de acordo com SALOMÃO (1999:30), são configurações muito abstratas, que desempenham papel na aquisição de linguagem,

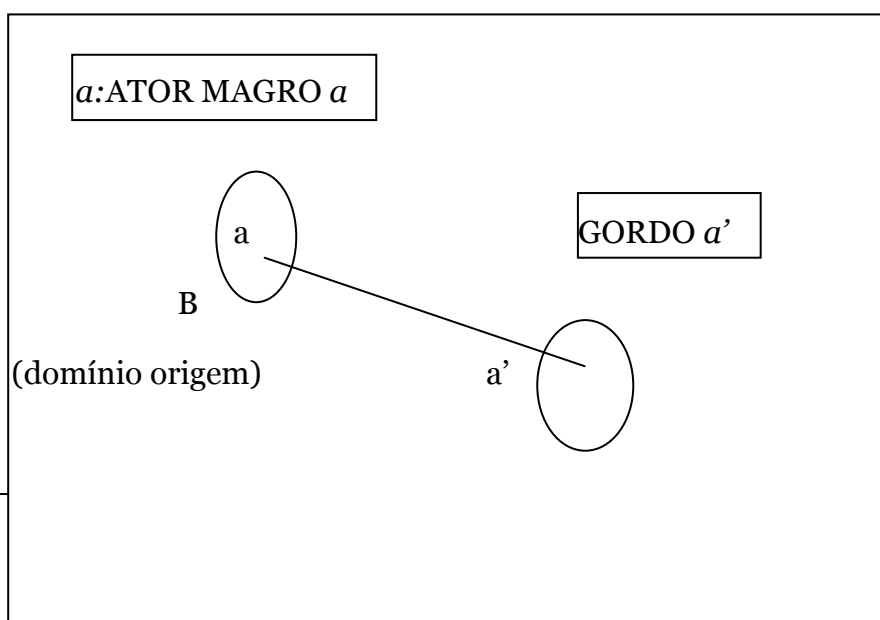
ou de outros tipos de conhecimento (cf. LAKOFF & JOHNSON, 1999: 26-30), e, além disso, servem ao processamento de fluxos muito heterogêneos de informação.

Por último, merecem menção os domínios cognitivos locais, denominados *Espaços Mentais (EMs)*, estruturas da memória de trabalho que permitem operar o fluxo discursivo. São abastecidos, na sua configuração interna, pelos domínios estáveis e são ligados uns aos outros por conectores – marcas lingüísticas e contextuais.

FAUCONNIER (1997:40) chama os mecanismos lingüísticos que desencadeiam *espaços mentais* de construtores de espaço (*space builders*). São Sintagmas Nominais, Adjetivais, Verbais, Preposicionais ou Adverbiais que introduzem fracionamentos epistêmicos, tais como crenças, discursos reportado, hipóteses, contrafactuais, domínios temporais / espaciais / ideológicos, representações pictóricas / literárias, fílmicas, etc.

Para estabelecer conexões interdomínios cognitivos (estáveis ou temporários) a construção do sentido trabalha por vários tipos de projeções. No exemplo *Na novela, o ator, que era magro, teve de ficar gordo* temos um *space builder na novela*, introdutor de um espaço mental drama (D) que é diferente do espaço formado como base (B) pelos participantes na cena comunicativa. O *princípio da identificação* permite que a descrição de *a* seja usada para identificar sua contraparte em *a'*. Nos termos da formalização, proposta em FAUCONNIER 1994, 1997, a interpretação da sentença considerada presume relações como as seguintes:

Figura 1



D

(drama)

A projeção exemplificada constitui a instanciação de processos que podem ser consideravelmente mais complexos – tal como postulado em FAUCONNIER & TURNER 2002, em que se estudam vários tipos de integração conceptual (mesclagem simplíssima, em espelho, metafórica, metonímica, analógica, megamesclagens).

### 3. A gramática das construções

Este trabalho adota a perspectiva de SALOMÃO 1990 trata a gramática como conceptualmente motivada, propondo *uma estrutura radial* (i.e. *em rede*) para explicar a polissemia do predicador *dar*, a partir do seu sentido canônico de TRANSFERÊNCIA DE POSSE, ilustrado em sentenças como *O professor deu o livro para o aluno*. As demais acepções, todas idiomatizadas e algumas gramaticalizadas, são explicadas através de *projeções figurativas* metafóricas e metonímicas, obtidas pela exploração do feixe de esquematizações conceptuais que se articulam na construção básica. Nestes termos, a *geratividade* (ou seja, a elevada produtividade destas configurações) em termos de *projeções simbólicas*: ou seja, em termos da irradiação de construções específicas, antes que da expansão algorítmica de seqüências, ou de conjuntos de seqüências.

Este trabalho também se apóia em GOLDBERG (1995:67) postula que a gramática de uma língua deva ser pensada em termos de *uma rede de ligação por herança*. Em outras palavras, as construções lingüísticas são um conjunto estruturado em que cada construção herda propriedades de uma construção básica.

GOLDBERG 1995 constitui um grande avanço frente à tradição lingüística que postulava uma forte separação entre os estudos do léxico e da gramática. Seu trabalho, entretanto, defende que tanto expressões sintáticas complexas (por exemplo, o padrão sintático característico da Passiva Analítica em Português: *SN+SER+V+do(+por SN)*), como expressões morfológicamente elementares (seja,

por exemplo, +*ndo*, sufixo do Gerúndio) devam ser entendidas como específicos pareamentos de uma Forma e de um Sentido – ou seja como uma Construção Gramatical.

A abordagem cognitivista de GOLDBERG trata consistentemente as expressões gramaticais como *simbólicas* e as expressões gramaticais serão definidas como *lexicais* ou *sintáticas* em termos de gradação num contínuo e não de dicotomização. Quanto menos abertas à variedade de sua composição interna, mais serão as formas categorizáveis como *lexicais*; quanto mais acessíveis à composição, mais *sintáticas*. Em qualquer caso, todos os signos lingüísticos/todas as construções comporão uma vasta rede, organizada de tal modo que *construções mais básicas* motivarão as demais, inclusive aquelas inéditas que hão de ser geradas como *projeções das construções* já existentes.

#### 4. A hipótese da arquitetura paralela

O trabalho desenvolvido pode ser aproximado com os estudos de JACKENDOFF que apresenta o modelo de arquitetura paralela: ambas foram designadas para incorporar idiomatismos na qualidade de expressões legítimas e também para desmanchar a falsa barreira entre *formação de palavras* e *formação de sentenças*. Característica que o aproxima do modelo de GOLDBERG.

A flexibilidade da arquitetura de JACKENDOFF encontra eco na postulação de FAUCONNIER e TURNER 2002 (caps.7 e 9). Estes autores defendem a idéia de que, os símbolos lingüísticos procedem de uma *mesclagem de duplo escopo*, que, no caso de palavras prototípicas, como *pés, hino, comer, azul*, terá se estabilizado em uma forma cristalina. Já no caso de formações complexas (*cirurgia automotiva, filhos de Gandhi*, etc), será necessário retomar as projeções, fazer a mescla e reconhecer a heterogeneidade dos espaços-fonte. Nestas condições, será possível ter *regras-l* que, por sua vez, tenham, de tal modo, opacificado sua motivação originária que venham a ser reinterpretada como *esquemas genéricos* – enormemente “prestativos” seja para a evocação de novos cenários seja para a postulação de novas interpretações.

O fenômeno caracteriza-se como uma específica construção (ou Regra-l) que *se especializou na expressão de uma nuance de significação aspectual*. Diferentemente de perífrases mais consolidadas (e possivelmente mais antigas), como

*estar+Gerúndio* para representar o Presente Progressivo, nossa construção apresenta ainda os elos de sua relação motivacional na rede em que se inscreve. Talvez, por isso também, seja muito menos reconhecida e estudada.

## 5. As construções com verbo dar no Português do Brasil

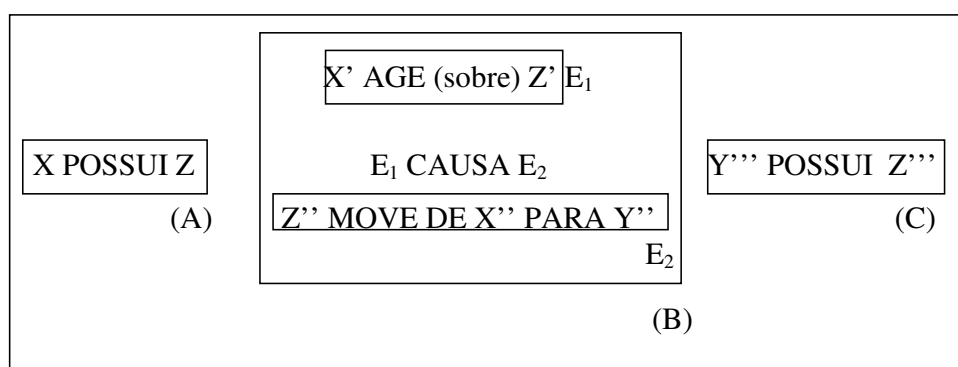
De fato, SALOMÃO propõe uma rede de construções com *dar*, cujo centro está ocupado pelo sentido mais concreto que é o de Transferência de Posse. Sua identificação de uma grande rede polissêmica repousa na hipótese de uma gramática motivada conceptualmente, de tal modo que o sentido mais básico, de alguma forma, ecoa nas outras construções mais periféricas.

SALOMÃO postula que a construção central, sintaticamente triargumental, evoca conceptualmente o Modelo Cognitivo Idealizado de TRANSFERÊNCIA DE POSSE, exemplificada na sentença seguinte:

(2) *A Maria deu um pedaço de bolo pro Antônio*

Os argumentos em favor desta solução alinham-se em dois campos. Sob uma angulação formal, a análise mais econômica é a que procede de TRANSFERÊNCIA DE POSSE para os outros usos; ao contrário jamais é verdadeiro. Sob uma angulação substantiva, a TRANSFERÊNCIA DE POSSE é uma ação concreta, cognitivamente básica do ponto de vista ontogenético (cf. estudos (posteriores), por exemplo de TOMASELLO 1999 e do ponto de vista dos padrões interativos mais elementares. Além disso, evidências de análises diacrônicas aduzidas mostram que a mudança semântica procede sempre de esquemas mais concretos para os mais abstratos, ou para os estendidos figurativamente. Por todas estas razões, postula-se que a construção de **Transferência de Posse** seja o centro da rede polissêmica.

Figura 2



CENÁRIO COGNITIVO DA TRANSFERÊNCIA DE POSSE

Como fica claro, não obstante seu caráter cognitivamente básico, o Modelo Cognitivo de Transferência de Posse é eminentemente complexo envolvendo não só o ordenamento cronológico das situações (A), (B) e (C), mas também os esquemas conceptuais de *Posse*, *Ação*, *Causa* e *Movimento*. Segundo SALOMÃO, são estes esquemas que serão exportados pelos usos estendidos da Construção Básica, usos que serão necessariamente “desbotados” (*bleached*) frente à densidade conceptual da construção originária.

O que se conclui da análise de SALOMÃO é que a Construção é *motivada*, através de várias conexões intermediárias, pela construção básica de Transferência de Posse e, nesta condição, vincula-se à grande rede polissêmica constituída pelas construções com *dar*.

## 6. Análise gerativista

Outro trabalho que contribui para a análise da construção com o verbo *dar* foi a tese *As construções com o verbo dar e nominalizações em -ada no Português do Brasil*, defendida por Ana Paula Scher em 2004 na Unicamp.

A mais interessante contribuição de SCHER encontra-se na descrição semântica desta construção (especialmente em SCHER 2004:98-131); resumindo uma análise bastante complexa, a autora postula que a *construção do verbo leve dar com Nominalização em +da* introduz uma *acepção aspectual durativa* de eventualidade designada nominalmente; em acréscimo, esta duração se distinguiria semanticamente *por ser diminutizada*. Deste modo, as sentenças *Paulo deu um empurrão na porta* e *Paulo deu uma empurrada no porta* se diferenciariam, porque a segunda frase convidaria à inferência de que a ação evocada não se completou (por exemplo, a porta empurrada não se abriu), ou ainda que a ação evocada foi praticada com pouco vigor (em contraste, por exemplo, com *dar um empurrão*), ou por um breve período.

A análise de SCHER 2003, 2004 é muito sensível às peculiaridades da construção e constitui uma boa descrição dela. Pontos a ressaltar na seqüência de nossa discussão é sua convergência com a abordagem construcional – na medida em que também defende uma compreensão não homonímica das várias predicções com *dar* e o tratamento da seqüência sintática considerada como uma unidade semântica específica.

## 7. Análise morfossintática

A composição morfossintática *dar uma X+da (SP)* diferencia-se, claramente, em sua valência, da construção ditransitiva, postulada como instância básica.

Em primeiro lugar o Objeto é sempre uma Nominalização precedida do Determinante Indefinido *uma*. Em contraposição, o Objeto Direto da construção básica é muito menos especificado sintaticamente: isto é, pode ou não ser precedido de Determinante (e.g. *Papai Noel deu presente prá todo mundo*).

O Determinante Indefinido, entretanto, apesar da vastíssima predominância da realização com *uma*, admite uma variação Numeral na Construção com *+da* - *O Antônio deu três buzinas no portão*.

A Nominalização, por sua vez, apesar da freqüente incidência *deverbal*, pode ser também *denominal*. Abaixo exemplificaremos formações deverbais, de valência variável, e formações denominais:

- (g) (a) *Deu uma **chovida** de tarde* (**predicação de zero lugares:** impessoal)  
(b) *A mãe deu uma **saída** de tarde* (**predicação de um lugar:** inergativo)  
(c) *A flor deu uma **murchada*** (**predicação de um lugar:** inacusativo)  
(d) *O marceneiro deu uma **lixada** no móvel* (**predicação de dois lugares:** transitivo agentivo)  
(e) *O decote deu uma **valorizada** na blusa* (**predicação de dois lugares:** transitivo instrumental)  
(f) *Ele deu uma **pensada** no assunto* (**predicação de dois lugares:** transitivo experiencial)  
(g) *O homem deu uma paulada no ladrão* (**denominal**)  
(h) *Guga deu uma raquetada com força na bola* (**denominal**)  
(i) *A mãe deu uma chinelada na criança* (**denominal**)  
(j) *Ela deu uma cotovelada no armário* (**denominal**)

## 8. Análise semântica

SALOMÃO propõe que Construções como *dar um chute / um beijo / pulos / início* etc seja tratada como Construção de Ação, com a importação dos esquemas conceptuais de **Ação** [X" AGE (SOBRE) Z"] e de **Causa** E<sub>1</sub> CAUSA E<sub>2</sub>. Aparentemente, sua percepção converge com a de SCHER, embora SCHER não se proponha a examinar a projeção figurativa motivadora desta expressão.

No caso da Construção com Nominalização Participial além da importação dos esquemas conceptuais de Ação e Causa, há *também a importação do esquema de Movimento* [Z" MOVE DE X" PARA Y"], incorporado através da expressão metonímica do evento Nominalizado pelo Sufixo Participial. TRANSFERÊNCIA envolve metonimicamente TRAJETÓRIA; TRAJETÓRIA é uma metáfora convencionalizada de DURAÇÃO (e.g. *A aula é das nove às onze*). Daí porque seja possível dizer *Vou dar uma dormidinha de meia hora* ou *Vou dar uma descansada de uma às duas*.

Tal hipótese se sustenta também pelo fato de a Nominalização ser Participial: *Participios são eventos completados, cujo foco está no seu limite final* (cf.

LANGACKER 1987:221-22, por exemplo). Daí que a Eventualidade, enquadrada como Resultado de uma Causa, seja também concebida em termos de *seu desbotamento em fases, até o estágio final*. Eis a diferença motivada entre *dar um empurrão* e *dar uma empurrada no carrinho*, de que nos fala SCHER 2004:116, sem jamais atinar para a composicionalidade motivada desta última expressão.

Nos termos de SALOMÃO 1990:220 e seg., *a ontologia dos Eventos logra expressão figurativa nas línguas do mundo quando quer que não esteja cristalizada morfológicamente*: por exemplo, em Português, a distinção Perfectivo/Imperfectivo obtém expressão morfológica específica nas formas gramaticalizadas do *Imperfeito do Indicativo* versus *Perfeito do Indicativo*, variáveis conforme a raiz verbal se classifica como *1ª* versus *2ª/3ª* *conjugações*. Nestes casos, não se pode falar de motivação conceptual das formas, já que nos termos de HOPPER e TRAUGOTT 1993; 2003, a representação motivada terá passado por um completo processo de *erosão*, cujo estágio final é a expressão morfológica sufixal.

Não é o caso, entretanto, das diversas perífrases expressivas do Progressivo em Português, formadas com Auxiliares que são, todos eles, originalmente *predicadores espaciais/ de movimento*.

- (4) (a) *Estou cantando (enquanto escrevo)*  
(b) *Fui cantando (por todo o caminho)*  
(c) *Vim cantando (desde que entrei no carro)*  
(d) *Saí cantando (assim que ouvi a música)*

Tais perífrases resultam da representação metafórica do *Evento como Movimento* (e do *Movimento como Mudança*), metáforas convencionalizadas, extensivamente estudadas pelos estudiosos originais das metáforas – LAKOFF & JOHNSON 1981; 1999, e também reconhecidas nos estudos de SALOMÃO 1990 e de GOLDBERG 1995 em termos da ligação por herança nas suas respectivas redes construcionais.

Tais metáforas, não gramaticalizadas, justificam o complexo narrativo das expressões abaixo:

- (5) (a) **Entrei na** maior depressão. Ele me **pôs na** maior depressão  
(b) **Passei** um sufoco que eu nem te conto  
(c) **Estou num** sufoco que nem te conto  
(d) Felizmente, eu **saí dessa**

A exemplificação é auto-explicativa e pode ser replicada inumeravelmente: a idéia é que *ESTADOS SÃO LUGARES, MUDAR É INGRESSAR NUM LUGAR / SAIR DESTE LUGAR*. Temos então, a *Ontologia dos Eventos como Movimento* presente em uma enorme quantidade de expressões perifrásticas de Aspecto nas línguas do mundo. (Vide recensões por SALOMÃO 1990:155-164 de inúmeros estudiosos tipologistas do Aspecto, com destaque para COMRIE 1977).

Igualmente importante, embora menos reconhecida é a *Ontologia do Evento como Propriedade*, expressável em outro complexo narrativo, que, a seguir, representamos:

- (6) (a) Aula me **dá** sono  
(b) **Tenho** sempre sono (nas aulas)  
(c) **Estou com** sono  
(d) **Perdi** o sono  
(e) A preocupação me **tirou** o sono

A aceção aspectual de Duração (Diminutiva) resultar da importação dos Esquemas Genéricos de **Causação** (Doação como Incepção) e de **Movimento** (Transferência como Trajetória), procedentes do Cenário Básico de Transferência de Posse. Tal motivação conceptual cristalizada explicaria então uso do “verbo leve” *dar* e da Nominalização Participial na perífrase especializada para esta expressão aspectual. Poderíamos então dizer que os “papéis aspectuais”, diferentemente dos “papéis temáticos” (que procederiam da predicação Nominalizada), seriam, então, *explicáveis como herança da rede construcional com dar*.

## 9. A construção de Duração Diminutiva

Estão sendo “mesclados” os trabalhos de SALOMÃO 1990 e SCHER 2003; 2004 para propor uma análise nova, mais completa e satisfatória. Levando em conta as análises morfofossintática e semântica e, tomando o conceito de construção como par forma/sentido, que procede dos estudos da tradição sociocognitiva, propondo, agora, a seguinte análise para a formação *dar uma X+da(SP)* na acepção de Duração Diminutizada:

Figura 3

## CONSTRUÇÃO DE DURAÇÃO DIMINUTIVA

Sm	Sm	Sx
(CAUSADOR)	(PARTICIPANTE <sub>1,2</sub> )	Sujeito
PREDICAÇÃO <sub>1</sub>		<i>dar</i>
		<i>uma</i>
EVENTO CAUSADO	PREDICAÇÃO <sub>2</sub>	Nominalização Participial
(ALVO)	PARTICIPANTE <sub>2,2</sub>	(SP)

A presente matriz constitui a mesclagem de três domínios: a terceira coluna representa os esquemas sintáticos, que não é consistentemente expresso em termos das Funções Sintáticas canônicas porque a *Nominalização Participial* não é um *Objeto Direto* pleno. (Não é, por exemplo, apassivável como se nota pela estranheza da expressão \**Uma andata eu dei hoje de manhã*).

A segunda coluna da matriz contribui com o *esquema conceptual do Evento apresentado como a Nominalização Participial*: sua grade de Participantes se fundirá à grade argumental da Construção, que procede da predicação com *dar*.

A grade argumental da Construção, conceptualmente “desbotada” (*bleached*), é uma herança dos Esquemas Genérico de *Causação (Causador/Evento Causado)* e *Movimento (Alvo)* e responde pelo aporte da ontologização específica, correspondente à acepção aspectual convencionalizada.

A mesclagem aqui prefigurada consiste na *compressão sintático-semântica de dois eventos*, o Causador e o Causado, que contribuem ambos com suas grades de Participantes; a grade do Evento Causador aparece conceptualmente desbotada e gramaticalizada na forma dos “papéis aspectuais” operativos e a grade do Evento Causado é semanticamente mais transparente, razão pela qual pode ser reivindicada como *grade temática* da predicação “principal”.

Os esquemas conceptuais migrados na mescla e que originam a perífrase aspectual, estejam *presentes como motivação remota e não como herança na rede*. De fato, concordamos que a melhor análise da Construção não pode deixar de identificar os esquemas genéricos de *Causa* e *Movimento* - essenciais para a derivação da acepção aspectual de DURAÇÃO DO EVENTO RESULTANTE – os quais procedem do *Cenário Conceptual da Doação*. Esta é, entretanto, uma reminiscência diacrônica, justificadora da expressão lingüística com o Verbo *dar* e com a Nominalização Participial, mas não operativa para o cálculo do significado. O significado, de fato, está idiomatizado e nestes termos precisa ser tratado.

## 10. Referências Bibliográficas

COMRIE, B. **Aspect**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

FAUCONNIER, G. & TURNER M. **The way we think**. New York: Basic Book, 2002.

GOLDBERG, A. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

HOPPER, P. & TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

JACKENDOFF, R. **The architecture of the language faculty**. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1997.

JACKENDOFF, R. **Foundations of language**. New York: Oxford University Press, 2002.

LAKOFF, G. 1987. **Woman, fire and dangerous things**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G. & M. JOHNSON. **Metaphors we live by**. The University of Chicago Press, 1980. [2002]

\_\_\_\_\_. & \_\_\_\_\_. **Philosophy in the flesh**. New York: Basic Books, 1999.

MATEUS, M. H. M. et. al. **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1989.

# REVISTA EDUCAÇÃO EM DESTAQUE

Colégio Militar de Juiz de Fora

MIRANDA, N. S. **A configuração da arena comunicativa no discurso institucional: professores versus professores.** Tese de Doutorado apresentada ao programa de educação da UFMG, 2000.

SALOMÃO, M. M. M. **Polysemy, aspect and modality in Brazilian Portuguese: the case for a cognitive explanation of grammar.** UC Berkeley, 1990.

\_\_\_\_\_. **Estruturas argumentais no Português do Brasil: uma explicação sociocognitiva das relações gramaticais.** Juiz de Fora: UFJF/UFRJ (Grupo de Pesquisa Gramática & Cognição), 2004.

\_\_\_\_\_. Gramática das construções: a questão da integração entre sintaxe e léxico. **Veredas**, Juiz de Fora, V.6. n.1. p.63 – 74, 2002, - Jan/Jun.

\_\_\_\_\_. **O processo cognitivo da mesclagem na análise lingüística do discurso.** Juiz de Fora / Rio de Janeiro: UFJF / UFRJ / UERJ – CNPq (Projeto integrado de pesquisa – Grupo Gramática & Cognição), 1999a.

\_\_\_\_\_. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. **Veredas**, Juiz de Fora, V. 1, n. 4, p. 61-79, 1999b Jan/Jul.

SCHER, A. P. Quais são as propriedades lexicais de uma construção com verbo leve? In: MÜLLER, NEGRÃO E FOLTRAN (eds). **Semântica Formal.** Campinas: Contexto, 2003. p.205-220.

\_\_\_\_\_. **As construções com o verbo leve dar e a nominalização em –ada no Português do Brasil.** Tese de doutorado apresentada ao programa do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, 2004.